

Riqueza de espécies de aves no Parque Estadual do Pico do Jabre, Paraíba

Erich de Freitas Mariano^{a*}, Luana Régia Alves Martins^b

^a Unidade Acadêmica de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Campina Grande, Patos, 58708-110, Brasil. *efmariano.ufcg@gmail.com

^b Unidade Acadêmica de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Campina Grande, Patos, 58708-010, Brasil.

Recebido: 14 junho 2017 / Aceito: 31 julho 2017 / Publicado online: 27 setembro 2017

Resumo

O presente estudo teve como objetivo fazer um levantamento das espécies de aves do Parque Estadual do Pico do Jabre, Paraíba, listando as espécies em relação as suas categorias tróficas e dependência de ambientes florestais. Foram montadas 240 listas de Mackinnon em 12 dias de amostragem. A família que apresentou maior riqueza foi Tyrannidae, com 20 espécies, seguida de Thamnophilidae (7), Trochilidae (6) e Emberizidae (6). Aproximadamente 20% das espécies que ocorrem na área se mostraram dependentes de ambientes florestais, 38,7% semi-dependentes e 41,4% independentes. A baixa participação de espécies dependentes de ambientes florestais na comunidade pode estar associada a pressão sofrida no entorno do parque. A manutenção destas áreas se mostra importante devido ao intercâmbio de espécies com as áreas secas adjacentes, servindo de refúgios para estas espécies nos períodos de seca. A presença da *Penelope jacucaca* (jacu-caca), que está inserida no livro vermelho de espécies da fauna brasileira ameaçada de extinção, é um dos indicativos que apesar do entorno do parque sofrer com a presença do homem, a área florestal do parque encontra-se em bom estado de preservação.

Palavras-chave: Caatinga, Floresta Estacional Semidecidual Montana, Unidades de conservação, Ornitofauna

Bird species richness at Parque Estadual do Pico do Jabre, Paraíba

Abstract

This study aims to make an inventory of bird species from Parque Estadual do Pico do Jabre, Paraíba, listing trophic guilds and forest habitat dependencies. In 12 days of survey, 240 Mackinnon lists was built. Tyrannidae was the richest bird family, with 20 species, followed by Thamnophilidae (7), Trochilidae (6) and Embereziidae (6). Almost 20% of registered bird species are forest habitat dependent, 38.7% are semi-dependent and 41.4% are independent. The low occurrence of forest dependent species should be associated of antropogenic pressions around the park. The maintenance of these areas is important due to the exchange of species with the adjacent dry areas, serving as refuges for these species during the dry periods. The presence of *Penelope jacucaca* (jacu-caca), which is inserted in the red book of Brazilian threatened species of fauna, is an indicator that despite the surroundings of the park suffer with the presence of man, the forest area of the park is in good condition preservation.

Keywords: Caatinga, Montane Seasonal Semideciduous Forest, Conservation Units, Bird fauna.

Introdução

A floresta estacional semidecidual Montana, os chamados “brejos de altitude”, ocorrem na região nordeste do Brasil nos topos de serras dentro dos domínios da Caatinga, em uma região semi-árida onde a precipitação varia de 240-900 mm (IBGE, 1985). As assim chamadas “ilhas de florestas” associam-se a ocorrência de planaltos e chapadas entre 500-1300 m altitude (e.g., Borborema, chapada do Araripe, Chapada de Ibiapaba), onde as chuvas orográficas garantem níveis de precipitação superiores a 1200 mm/ano (Andrade-Lima, 1982; Tabarelli e Santos, 2004).

A vegetação do Pico do Jabre é classificada como Floresta Estacional Semidecidual Montana (IBGE, 1985), e de acordo com Oliveira-Filho e Fontes (2000), ocorre dentro do domínio da Mata Atlântica, com elementos de mata úmida e da

Caatinga (Agra et al., 2004). Entretanto, Rodal et al. (2008) demonstraram que florestas estacionais no nordeste brasileiro, incluindo florestas de altitude, compõem dois grupos florísticos, um associado com a floresta Atlântica costeira e outro com o domínio das caatingas, e fornece a hipótese de que o Planalto da Borborema, uma série de maciços direcionados na posição norte-sul, funciona como uma barreira geográfica que separa as duas floras.

As florestas localizadas no planalto apresentariam, portanto, uma diferenciação: mais ao leste teriam uma origem as mais relacionadas com a floresta Atlântica costeira e, mais ao oeste, as mais relacionadas com vegetações do domínio das caatingas. Essa proposta é suportada através da análise de distribuição de aves residentes e dependentes de ambientes florestais, as quais agrupam as formações a oeste do Planalto da Borborema com as formações de mata seca.

Tabarelli e Santos (2004) classificaram a vegetação do Pico do Jabre como floresta Ombrófila Montana, e com a menor cobertura vegetal (5,52 km²), durante 15 áreas em Pernambuco e Paraíba, abaixo de 1000 ha., sendo considerada uma área de altíssima prioridade para a conservação.

A avifauna da caatinga, possui 510 espécies de aves que habitam a região (Silva et al., 2003), um número bem superior ao que era esperado. Contudo, para chegar a esse número, foram incluídas as espécies também registradas nos enclaves úmidos. Sua inclusão foi justificada pela inexistência de suposta razão biogeográfica para tratar tais formações como não pertencentes a caatinga (Ab'saber, 1970, 1977), e também devido a sua importância na manutenção de processos ecológicos regionais, como sítios de “refúgio” durante o período de estiagem (Silva et al., 2003).

O presente estudo teve como objetivo fazer um levantamento das espécies de aves do Parque Estadual do Pico do Jabre, Paraíba, listando as espécies quanto as suas categorias tróficas e dependência de ambientes florestais.

Material e Métodos

O Parque Estadual do Pico do Jabre situa-se entre os municípios de Maturéia e Mãe D'água entre os paralelos 06° 02'12'' e 08°19'18'' sul e entre os meridianos de 34°45'12'' e 38°45'45'' Oeste. Sendo o ponto mais elevado da Paraíba (1.197m) e do Nordeste Setentrional. A Serra de Teixeira, onde se encontra o Pico do Jabre, está no setor do Planalto Central da Borborema, no trecho compreendido pelo povoado de Cacimbas. Seu formato é alongado, com direção WSW-ENE, com cerca de 100 Km de extensão e 10 Km de largura.

Além das formações florestais com árvores atingindo até 10 m de altura, são encontradas plantações, zonas desmatadas, ou áreas abertas e manchas de áreas arbóreas, que seriam áreas com cobertura dominante de árvores, porém diferindo dos ambientes florestais pela presença de uma maior proporção de arbustos e ervas no sub-bosque.

As atividades de amostragem tiveram 12 dias de duração e contou com a aplicação de listas de McKinnon (Bibby et al., 1998). As listas de Mackinnon (Mackinnon e Philips, 1993) compreenderam listas de 10 espécies, as quais foram utilizadas como unidades amostrais. Por dia de amostragem foram construídas 20 listas, totalizando ao final 240 listas e 2400 contatos por localidade. Nessas amostragens, foi utilizado microfone unidirecional e um gravador digital Marantz 670 para registros sonoros das espécies, bem como para utilização da técnica de playback para atrair espécies e facilitar sua identificação.

Curvas acumulativas e de rarefação foram calculadas a partir de dados de presença e ausência da avifauna nas áreas estudadas obtidos durante as amostragens em campo. Uma estimativa de riqueza de espécies foi realizada com os estimadores Chao 2 e Jack 1, por terem apresentados melhor performance em testes de estimadores realizados por Araujo et al. (2012). As análises referentes à curva de rarefação e estimativa de riqueza de espécies foram realizadas utilizando o software EstimateS 7.5 (Colwell, 2005).

Estatísticas descritivas foram utilizadas para comparar a

avifauna e a distribuição da porcentagem das categorias de uso de habitat nos ambientes registrados.

Resultados e Discussão

Foram registradas 111 espécies de aves distribuídas em 35 famílias. As famílias que apresentaram maior riqueza foi Trochilidae com 6 espécies, seguida de Tinamidae, Columbidae e Cuculidae, todas estas com 4 espécies, dentre os Não-Passeriformes; Entre os Passeriformes, as famílias Tyrannidae (20), Thamnophilidae (7) e Emberizidae (6) foram as mais ricas (Tabela 1). As espécies mais frequentes nas amostragens foram *Cantorchilus longirostris* (Vieillot, 1819) (57,5%), *Tyrannus melancholicus* Vieillot, 1819 (52,9%), *Taraba major* (Vieillot, 1816) (51,7%), e *Sporophila nigracollis* (Vieillot, 1823) (41,3%).

Dentre as espécies registradas, apenas *P. jacucaca* Spix, 1925 está inserida no livro vermelho de espécies da fauna brasileira ameaçada, sendo considerada vulnerável de acordo com Silveira e Straube (2008). *P. jacucaca* tem uma fundamental importância para a manutenção de ambientes florestais, por ser uma espécie frugívora e, ao sair na busca de recursos alimentares, realiza a dispersão de sementes.

A presença de espécies como *Anopetia gounellei* (Boucard, 1891), *Conirostrum speciosum* (Temminck, 1824), *Formicivora melanogaster* (Pelzeln, 1868), *Gyalophylax hellmayri* (Reiser, 1905), *Sakesphorus cristatus* (Wied, 1831) e *Thamnophilus pelzelni* (Hellmayr, 1924), são relevantes, pois fundamentam as relações do Pico do Jabre com as formações florestais de mata seca.

Não foram observadas muitas espécies migratórias. Apenas *Elaenia chilensis* (Hellmayr, 1927), *Sporophila lineola* (Linnaeus, 1758) e *Vireo Chivi* (Vieillot, 1817) apresentam deslocamentos sazonais ao longo da América do Sul. Outras espécies como *Coccyzus melacoryphus* (Vieillot, 1817), *Sporophila albogularis* (Spix, 1825) e os Columbidae apresentam deslocamentos locais, acompanhando o regime de chuvas.

Algumas espécies foram inventariadas através de encontros visuais ou sonoros ocasionais e a uma curva de acumulação de espécies foi obtida analisando-se apenas a riqueza das espécies registradas pelas listas de McKinnon. Quando se analisou a riqueza estimada de espécies através da curva de rarefação verificamos que a curva obtida através dos dados das listas de MacKinnon não tende a estabilização, sugerindo que uma parte das espécies que ocorrerem na área ainda não foram registradas e os valores das estimativas de Chao 2 e Jack 1 foram de 159 e 134 espécies, respectivamente (Figura 1).

Para nos aproximarmos da riqueza real de uma determinada área percebemos a necessidade de aumentarmos o esforço amostral, conduzido por longos períodos (Santos et al. 2010) e que, com a continuidade dos levantamentos na área de estudo, o número de espécies registradas tende a aumentar, em função, principalmente, daqueles elementos que apresentam baixa densidade populacional, cujo registro é dificultado em curtos períodos de levantamento.

Tabela 1. Lista de espécies de aves classificadas por ordem sistemática registradas no Parque Estadual do Pico do Jabre, Paraíba e suas respectivas frequências de ocorrência (FO%) nos diferentes ambientes, categorias tróficas (CT) e uso de habitat (UH).

Espécie	FO% da Área			CT	UH	Espécie	FO% da Área			CT	UH
	Arbórea	Área aberta	Floresta				Arbórea	Área aberta	Floresta		
Tinamidae						Strigidae					
<i>Crypturellus noctivagus</i>	0,4	-	0,8	FRU	DEP	<i>Pulsatrix perspicillata</i>	0,4	-	-	CAR	DEP
<i>Crypturellus parvirostris</i>	0,8	0,4	1,3	FRU	IND	<i>Glaucidium brasilianum</i>	-	-	0,8	CAR	SDE
<i>Crypturellus tataupa</i>	5,4	3,3	7,9	FRU	DEP	<i>Athene cunicularia</i>	-	1,3	-	CAR	IND
<i>Nothura boraquira</i>	-	0,4	-	FRU	SDE	Nyctibiidae					
Cracidae						<i>Nyctibius griseus</i>	0,8	0,4	-	INS	SDE
<i>Penelope superciliaris</i>	0,8	-	1,3	FRU	DEP	Caprimulgidae					
<i>P. jacucaca</i>	-	-	0,4	FRU	DEP	<i>Antrostomus rufus</i>	0,4	-	-	INS	SDE
Ardeidae						<i>Hydropsalis albicollis</i>	0,4	-	-	INS	SDE
<i>Butorides striata</i>	-	2,5	0,8	AQUA	IND	Apodidae					
<i>Bubulcus ibis</i>	-	2,5	1,7	IND	IND	<i>Tachornis squamata</i>	-	-	1,3	INS	IND
<i>Ardea alba</i>	-	1,3	-	AQUA	IND	Trochilidae					
<i>Egretta thula</i>	-	0,8	-	AQUA	IND	<i>Anopetia gounellei</i>	0,4	-	-	NEC	DEP
Cathartidae						<i>Phaethornis pretrei</i>	2,5	-	5,8	NEC	SDE
<i>Cathartes aura</i>	1,3	1,3	3,3	DET	IND	<i>Anthracothorax nigricollis</i>	-	-	0,4	NEC	SDE
<i>Coragyps atratus</i>	-	-	1,7	DET	IND	<i>Chrysolampis mosquitos</i>	0,4	-	0,8	NEC	IND
Accipitridae						<i>Chlorostilbon lucidus</i>	3,8	0,4	5,4	NEC	SDE
<i>Rupornis magnirostris</i>	6,7	1,7	11,7	CAR	IND	<i>Amazilia leucogaster</i>	1,3	0,4	7,1	NEC	DEP
<i>Geranoaetus melanoleucus</i>	-	-	0,4	CAR	IND	Bucconidae					
Falconidae						<i>Nystalus maculatus</i>	-	-	0,4	INS	SDE
<i>Caracara plancus</i>	-	0,4	-	CAR	IND	Picidae					
<i>Milvago chimachima</i>	-	-	1,3	CAR	IND	<i>Veniliornis passerinus</i>	2,1	-	2,9	INS	SDE
<i>Falco femoralis</i>	-	-	0,4	CAR	IND	<i>Picumnus fulvescens</i>	2,1	-	2,1	INS	SDE
Charadriidae						Thamnophilidae					
<i>Vanellus chilensis</i>	1,7	2,1	0,4	AQUA	IND	<i>Myrmorchilus strigilatus</i>	12,9	2,1	14,2	INS	SDE
Jacanidae						<i>Formicivora melanogaster</i>	3,8	-	3,3	INS	SDE
<i>Jacana jacana</i>	-	0,4	-	AQUA	IND	<i>Herpsilochmus atricapillus</i>	9,6	-	14,6	INS	DEP
Columbidae						<i>Sakesphorus cristatus</i>	2,9	-	2,5	INS	SDE
<i>Columbina talpacoti</i>	10,0	6,3	9,2	GRA	IND	<i>Thamnophilus pelzelni</i>	2,9	-	9,2	INS	SDE
<i>Columbina picui</i>	7,1	4,6	8,8	GRA	IND	<i>Thamnophilus capistratus</i>	15,0	0,4	8,8	INS	SDE
<i>Claravis pretiosa</i>	-	-	1,7	FRU	SDE	<i>Taraba major</i>	20,4	2,1	29,2	INS	SDE
<i>Leptotila verreauxi</i>	7,1	0,8	15,8	FRU	SDE	Dendrocolaptidae					
Psittacidae						<i>Dendroplex picus</i>	2,5	-	3,3	INS	SDE
<i>Forpus xanthopterygius</i>	5,4	2,5	3,8	FRU	IND	Furnariidae					
Cuculidae						<i>Furnarius figulus</i>	0,4	-	-	INS	IND
<i>Piaya cayana</i>	0,8	-	0,8	INS	SDE	<i>Furnarius leucopus</i>	1,7	1,3	3,3	INS	SDE
<i>C. melacoryphus</i>	1,3	-	1,3	INS	SDE	<i>Pseudoseisura cristata</i>	3,3	3,3	4,6	INS	IND

Categorias tróficas (CT): AQUA = organismos aquáticos; CAR = carnívoros; DET = detritívoros; FRU = frugívoros; GRA = granívoros; INS = insetívoros; NEC = nectarívoros; ONI = onívoros). Uso de habitat (UH): DEP = Dependentes de ambientes florestais; SDE = Semi-dependentes de ambientes florestais; IND = Independente de ambientes florestais). Espaços com hífen (-) significam FO% = 0.

Tabela 1. (continuação) Lista de espécies de aves classificadas por ordem sistemática registradas no Parque Estadual do Pico do Jabre, Paraíba e suas respectivas frequências de ocorrência (FO%) nos diferentes ambientes, categorias tróficas (CT) e uso de habitat (UH).

Espécie	FO% da Área			CT	UH	Espécie	FO% da Área			CT	UH
	Arbórea	Área aberta	Floresta				Arbórea	Área aberta	Floresta		
<i>Gyalophylax hellmayri</i>	0,8	-	0,4	INS	SDE	Poliopitilidae					
<i>Synallaxis frontalis</i>	13,8	2,5	15,4	INS	DEP	<i>Poliopitila plumbea</i>	2,5	-	1,7	INS	SDE
<i>Synallaxis scutata</i>	7,1	0,4	10,8	INS	SDE	Turdidae					
<i>Synallaxis frontalis</i>	13,8	2,5	15,4	INS	DEP	<i>Turdus rufiventris</i>	3,8	0,8	8,8	ONI	IND
<i>Synallaxis scutata</i>	7,1	0,4	10,8	INS	SDE	<i>Turdus leucomelas</i>	1,3	-	0,4	ONI	SDE
Tyrannidae						<i>Turdus amaurochalinus</i>	0,4	-	1,3	ONI	SDE
<i>Tolmomyias flaviventris</i>	7,5	0,8	7,9	INS	DEP	Mimidae					
<i>Todirostrum cinereum</i>	6,3	0,4	5,0	INS	SDE	<i>Mimus saturninus</i>	2,5	5,0	2,9	ONI	IND
<i>Hemitriccus margaritaceiventer</i>	10,8	0,8	8,8	INS	SDE	Coerebidae					
<i>Hirudinea ferruginea</i>	3,8	-	4,6	INS	SDE	<i>Coereba flaveola</i>	0,8	0,4	0,4	NEC	SDE
<i>Camptostoma obsoletum</i>	0,4	-	-	INS	IND	Thraupidae					
<i>Elaenia spectabilis</i>	4,2	0,8	5,4	FRU	DEP	<i>Lanio pileatus</i>	6,7	0,8	10,4	ONI	SDE
<i>Elaenia chilensis</i>	-	-	0,4	ONI	IND	<i>Tangara sayaca</i>	3,8	2,1	10,4	ONI	SDE
<i>Elaenia cristata</i>	0,4	-	-	ONI	IND	<i>Tangara cayana</i>	4,6	-	9,2	FRU	IND
<i>Elaenia chiriquensis</i>	0,4	-	-	ONI	IND	<i>Paroaria dominicana</i>	3,3	2,5	2,1	GRA	IND
<i>Myiopagis viridicata</i>	5,0	0,8	12,9	FRU	DEP	<i>Conirostrum speciosum</i>	-	-	0,8	INS	DEP
<i>Phaeomyias murina</i>	5,4	0,4	2,9	ONI	SDE	Emberizidae					
<i>Legatus leucophaeus</i>	-	-	0,4	FRU	DEP	<i>Zonotrichia capensis</i>	0,4	-	-	GRA	IND
<i>Pitangus sulphuratus</i>	4,6	2,5	1,7	ONI	IND	<i>Volatinia jacarina</i>	5,0	3,3	5,4	GRA	IND
<i>Megarynchus pitangua</i>	1,3	0,8	2,9	INS	SDE	<i>Sporophila lineola</i>	1,7	0,0	0,8	GRA	IND
<i>Myiozetetes similis</i>	4,6	0,8	8,8	ONI	SDE	<i>Sporophila nigricollis</i>	17,1	4,2	20,0	GRA	IND
<i>Tyrannus melancholicus</i>	22,1	6,7	24,2	INS	IND	<i>Sporophila albogularis</i>	1,7	2,1	0,4	GRA	IND
<i>Empidonotus varius</i>	5,4	0,4	10,0	INS	SDE	<i>Arremon taciturnus</i>	7,1	-	20,4	ONI	DEP
<i>Fluvicola nengeta</i>	-	0,4	-	INS	IND	Cardinalidae					
<i>Arundinicola leucocephala</i>	-	0,8	-	INS	IND	<i>Cyanoloxia brissonii</i>	0,8	-	0,4	GRA	DEP
<i>Cnemotriccus fuscatus</i>	1,3	-	1,7	INS	DEP	Parulidae					
Vireonidae						<i>Basileuterus flaveolus</i>	5,4	-	9,2	DEP	DEP
<i>Cyclarhis gujanensis</i>	11,7	2,5	18,8	INS	SDE	Icteridae					
<i>Vireo chivi</i>	-	-	1,3	INS	DEP	<i>Icterus cayanensis</i>	0,8	-	-	ONI	SDE
<i>Hylophilus amaurocephalus</i>	9,2	-	15,4	INS	DEP	<i>Icterus jamacaii</i>	-	2,9	0,8	ONI	SDE
Corvidae						<i>Chrysomus ruficapillus</i>	-	0,4	-	ONI	IND
<i>Cyanocorax cyanopogon</i>	2,9	-	5,8	ONI	SDE	<i>Molothrus bonariensis</i>	1,3	1,3	1,3	ONI	IND
<i>Tachycineta albiventer</i>	-	0,4	-	INS	IND	Fringillidae					
Troglodytidae						<i>Euphonia chlorotica</i>	5,4	1,7	12,9	FRU	SDE
<i>Troglodytes musculus</i>	5,0	0,8	8,3	INS	IND						
<i>Canthorchilus longirostris</i>	19,6	1,7	36,3	INS	DEP						

Categorias tróficas (CT): AQUA = organismos aquáticos; CAR = carnívoros; DET = detritívoros; FRU = frugívoros; GRA = granívoros; INS = insetívoros; NEC = nectarívoros; ONI = onívoros). Uso de habitat (UH): DEP = Dependentes de ambientes florestais; SDE = Semi-dependentes de ambientes florestais; IND = Independente de ambientes florestais). Espaços com hífen (-) significam FO% = 0.

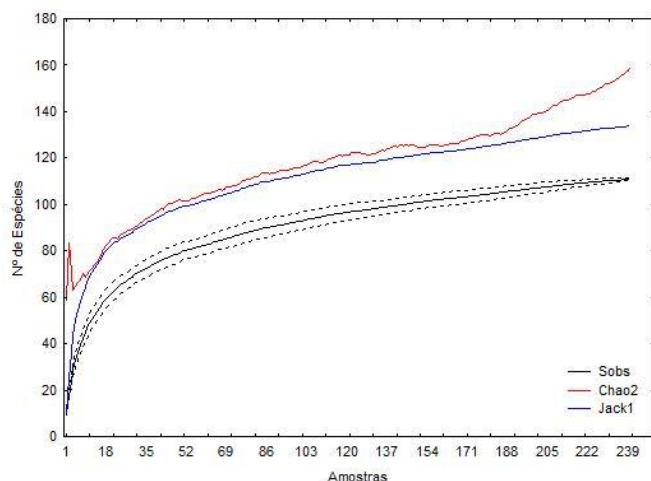


Figura 1. Curva de acumulação de espécies, Chao 2 e Jack 1 das espécies de aves registradas no Parque Estadual do Pico do Jabre, Paraíba.

Quanto ao uso de habitat, 19,8% das espécies que ocorrem na área se mostraram dependentes de ambientes florestais, 38,7% semi-dependentes e 41,4% independentes. Das espécies dependentes de ambientes florestais, quatro delas foram registradas apenas uma vez na área estudada (FO% = 0,4%; Tabela 1). Com exceção de *P. perspicilata* (Latham, 1790), que apresenta hábitos noturnos, nenhuma dessas espécies apresentam uma difícil detecção pelo método utilizado. Podemos assumir esse fator a uma densidade naturalmente baixa, entretanto, a população de *P. jacucaca* ainda sofre com pressões de caça, além da perda de habitat.

Apesar da área amostrada compreender uma formação florestal de topo de serra, o padrão observado é o esperado para as áreas de Caatinga. As áreas abertas e antropizadas das regiões mais baixas da área de estudo são as principais contribuintes para essa porcentagem da ocorrência de espécies independentes de florestas e a porção florestal, localizada acima dos 700m de altitude, que influencia na ocorrência das espécies dependentes de florestas.

Áreas degradadas ou em regeneração apresentam baixa diversidade de nichos, em consequência disto, espécies generalistas, insetívoras não especialistas, semi-dependentes e independentes de ambientes florestais tornam-se os primeiros colonizadores, o que pode justificar a distribuição de espécies com distintos usos de habitat na área de estudo.

No conjunto das espécies registradas, insetívoros foram predominantes (39,6%), seguida das espécies onívoras (24,3%) e frugívoras (9%; Figura 2).

Muitos estudos (Willis, 1979; Anjos, 1998; Lyra-Neves et al., 2004; Telino-Júnior et al., 2005; Rodrigues et al., 2007) registraram um padrão semelhante ao aqui observado, no qual espécies pertencentes às categorias tróficas citadas são predominantes em bordas florestais, capoeiras, áreas de mata e/ou em estado de regeneração.

A presença de espécies frugívoras de relativo grande porte, como os Tinamidae, Cracidae e as pombas *Claravis pretiosa* (Ferrari-Perez, 1886) e *L. verreauxi* Bonaparte, 1855, podem ser fundamentais para a manutenção de fragmentos florestais devido a sua capacidade de deslocamento em busca de

recursos alimentares e, consequentemente, tornando-se potenciais dispersores de sementes (Lyra-Neves et al., 2004). Em áreas impactadas ou que sofrem constante uso pelo homem, pode-se verificar a ocorrência de aves com maior espectro alimentar, como onívoros. Isso ocorre provavelmente pela possibilidade da mudança de dieta em períodos adversos (Willis, 1979).

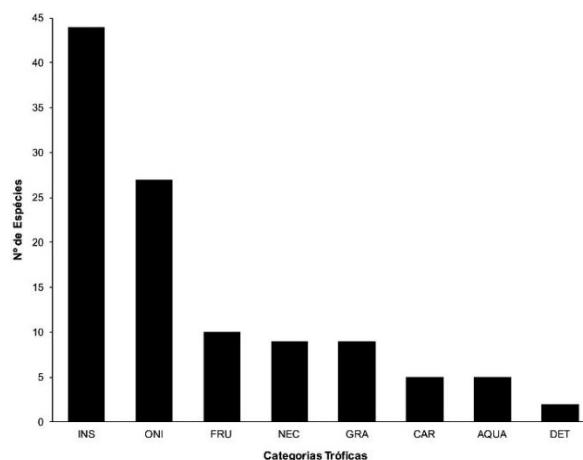


Figura 2. Número de espécies de aves quanto a categoria trófica no Parque Estadual do Pico do Jabre, PB. AQUA: Hábitos aquáticos; CAR: Carnívoras; DET: Detritívas; FRU: Frugívora; GRA: Granívora; INS: Insetívora; NEC: Nectarívora; ONI: Onívora.

A fragmentação e o consequente efeito de borda beneficiam grupos granívoros como os Columbidae de pequeno porte (Anjos, 1998), devido à maior incidência de luz nesses ambientes proporcionar maior produção de frutos e plantas invasoras produtoras de sementes, base alimentar dessas espécies. Desta forma, justifica-se a presença de espécies com baixa dependência de ambientes florestais e de espectro alimentar mais generalistas nas porções inferiores do Pico do Jabre.

O pequeno número de espécies aquáticas ou ribeirinhas registradas nessa pesquisa se deve pela ausência de corpos d'água no dentro e no entorno do parque.

Conclusão

A formação florestal do Parque Estadual do Pico do Jabre ainda se mostra bem preservada, fornecendo indícios de uma riqueza potencialmente maior. A presença de espécies dependentes florestais, de frugívoros e/ou com algum grau de ameaça que utilizam o Parque, como as espécies dos gêneros *Crypturellus* e *Penelope* e algumas espécies de Tyrannidae, mostram a importância da área florestal para a manutenção da diversidade da comunidade de aves em seu entorno.

Apesar da importância de se realizar o primeiro levantamento da avifauna no parque, tendo em vista que a informação bibliográfica da composição desta biocenose das florestas de altitude do Nordeste é escassa, há necessidades de um levantamento mais aprofundado e com amostragens sazonais, visando o suporte para pesquisas e planos de manejo futuros.

Agradecimentos

As atividades de campo deste trabalho foram incluídas nas coletas de dados do projeto Relações Biogeográficas Entre a Avifauna de Florestas de Altitude no Nordeste do Brasil”, financiado pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPQ) – Edital MCT/CNPq Nº 014/2010 – Universal, Processo Nº 478907/2010-9.

Referências

- Ab’Saber, A.N. 1970. Províncias geológicas e domínios morfoclimáticos no Brasil. *Geomorfologia* 20: 1-26.
- Ab’Saber, A.N. 1977. Espaços ocupados pela expansão dos climas secos na América do Sul por ocasião dos períodos glaciais Quaternários. *Revista do Instituto de Geografia - Série Paleoclimas* 3:1-18.
- Agra, M. F.; Barbosa, M.R. de V.; Stevens, W.D. 2004. *Levantamento Florístico Preliminar do pico do Jabre, Paraíba, Brasil*. In: Porto, K.C.; Cabral, J.P.; Tabarelli, M. (Eds.). *Brejos de altitude de Pernambuco e Paraíba: história natural, ecologia e conservação*. Brasília-DF: Ministério do meio Ambiente. p.123-137.
- Andrade-Lima, D. 1982. Present-day Forest refuges in northeastern Brazil. In: Prance (ed.). *Biological diversification in the tropics*. Columbia Univ. Press, New York. p. 123-135.
- Anjos, L., 1998. *Consequências biológicas da fragmentação no norte do Paraná*. IPEF, Piracicaba 12, (32): 87-94.
- Araujo, H.F.P. Vieira-Filho, A.; Cavalcanti, T.A.; Barbosa, M.R.V. 2012. *As aves e os ambientes em que elas ocorrem em uma reserva particular no cariri paraibano, nordeste do Brasil*. *Revista Brasileira de Ornitologia* (Online), v. 20, p. 365-377.
- Bibby, C., Jones, M., Marsden, S. 1998. *Expedition Field Techniques: Bird Surveys*. Expedition Advisory Centre, London.
- Colwell, R. K. 2005. User’s guide to EstimateS7.5 statistical. Estimation of species richness and shared species from samples. Version 7.5. Copyright 2005, 22 p.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Rio de Janeiro, RJ). *Atlas do Brasil: região Nordeste*. Rio de Janeiro, 1985
- Lyra-neves, R.M., S.M. Azevedo júnior, W. Telino-júnior, W., M.E.L. Larrazábal. 2004. *Comunidade de aves da Reserva Estadual de Gurjaú, Pernambuco, Brasil*. *Revista Brasileira de Zoologia*, 21(3): 581–592.
- Mackinnon, J.R. e Philipps, K. 1993. *A field guide to the birds of Borneo, Sumatra, Java, and Bali, the Greater Sunda Islands*. Oxford University Press.
- Oliveira-Filho A.T.; Fontes, M.A.L. 2000. *Patterns of floristic differentiation among Atlantic Forest in Southeastern Brazil and the influence of climate*. *Biotropica*, v.32, n.4b, p.793-810.
- Rodal M.J.N., M.R.V Barbosa e W.W. Thomas. 2008. *Do the seasonal forests in northeastern Brazil represent a single floristic unit?* *Brazilian Journal Biology* 68(3): 467-475.
- Rodrigues R., Araujo H., Lyra-neves R., Telino-Júnior W. e Botelho M. 2007. *Caracterização da Avifauna na Área de Proteção Ambiental de Guadalupe, Pernambuco*. *Ornithologia*, 2, (1): 47-61.
- Santos A.M.M. Cavalcanti D.R. Silva J.M.C. e Tabarelli M. 2007. *Biogeographical relationships among tropical forests in north-eastern Brazil*. *Journal of Biogeography* 34: 437-466.
- Santos, M.P.D., Cerqueira, P.V. e Soares, L. M. S.2010. *Avifauna em seis localidades no Centro-Sul do Estado do Maranhão, Brasil*. *Ornithologia* 4(1):49-65.
- Silva, J. M. C., Souza, M. A., Bieber, A. G. D. e Carlos, C. J. 2003. *Aves da Caatinga: status, uso do habitat e sensibilidade*. In: Leal, I. R., Tabarelli, M. e Silva, J. M. C. 2003. *Ecologia e Conservação da Caatinga*. Recife: Ed Universitária da UFPE. p. 237-273
- Silveira, L. F. e F.C. Straube. F. 2008. *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção*. In: Machado, A.B.M., G.M. Drummond e A.P. Paglia (eds.). *Aves ameaçadas de extinção no Brasil*. Ministério do Meio Ambiente/Fundação Biodiversitas, Brasília, 2008. p.379-666
- Tabarelli M. e Santos, A.M.M. 2004. *Uma breve descrição sobre a história natural dos brejos nordestinos*. In: Porto K., J. Cabral e M. Tabarelli. *Brejos de altitude: história natural, ecologia e conservação*. Brasília,

Ministério do Meio Ambiente p. 17–24

- Telino-Junior, W., M.M. Dias, S.M. Azevedo Júnior, R.M. Lyra-Neves, e M.E.L. Larrazábal. 2005. *Estrutura trófica da reserva estadual do Gurjaú, Zona da Mata Sul, Pernambuco, Brasil*. *Revista Brasileira de Zoologia*, Curitiba 22 (4): 962-973,
- Whitman, A.A., Hagan III, J.M. e Brokaw, N.V.L. 1997. *A comparasion of two bird survey techniques used in a subtropical forest*. *The Condor*, 99: 955-965.
- Willis, E.O., 1979. The composition of avian communities in remanescant woodlots in southern Brazil. *Papéis Avulsos de Zoologia*, São Paulo 33: 1-25.